



MOVIMENTO PARTICIPAÇÃO: ACONTECIMENTO ENUNCIATIVO E FORMAÇÃO TEÓRICO-POLÍTICA DE MULHERES ENFERMEIRAS

Sóstenes Ericson Vicente da Silva¹

A representação consensual da enfermagem como campo profissional feminino é aqui considerada efeito de processos discursivos que, pela repetição, procuram estabilizar a naturalização de determinados elementos de saber no discurso da enfermagem (SILVA, 2016). Nesses processos, a identificação do sujeito reforça a materialização de uma posição que, pelo efeito do interdiscurso, assume a submissão, a abnegação e a vocação, como elementos constitutivos de sua existência. Todavia, em dadas condições históricas, a falha, o deslocamento, produz fissuras que provocam a subversão, por meio de elementos discursivos que desestabilizam as relações de poder numa dada formação discursiva (FD), aqui entendida como “aquilo que, numa formação ideológica dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado em forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.)” (PÊCHEUX, [1975] 2009, p.147).

Em estudos recentes, busquei apontar como as influências estrangeiras contribuíram para a construção social de uma memória sobre as mulheres enfermeiras no Brasil, reificando, no discurso jurídico e no discurso científico do campo da saúde, dizeres produzidos antes no discurso religioso cristão. Nesse momento, busco trazer as “vozes discordantes” que, por meio do Movimento Participação, questionaram a organização política da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), por sua atuação em reproduzir os interesses do Estado, por sua subserviência à indústria de produtos hospitalares e por seu distanciamento das lutas gerais da sociedade e da educação/saúde. Para tanto, mobilizo o conceito de acontecimento, apresentado por Pêcheux (2008), considerando que “enquanto o acontecimento discursivo remete para fora, é externo à FD que lhe dá origem, instaurando um novo sujeito histórico, o acontecimento enunciativo provoca uma fragmentação da forma-sujeito e se dá, por conseguinte, no interior da própria FD” (INDURSKY, 2008, p.29). As sequências discursivas que compõem o *corpora* dessa análise foram extraídas de depoimentos de enfermeiras que atuaram no (ou contra o) referido Movimento, bem como dos temas e subtemas das 69 edições do Congresso Brasileiro de Enfermagem (CBEn), desde sua primeira edição (em 1947) até 2017, sendo este considerado o maior evento científico-cultural da enfermagem brasileira.

TEMATIZAÇÃO E CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO

Considero que a coerência semântica do discurso é obtida através da tematização, tendo em conta que nesta “os valores do texto são organizados por meio da recorrência de traços semânticos que se repetem no discurso e o tornam coerente” (GREGOLIN, 1995, p. 20). O interesse em

¹ Doutor em Letras e Linguística (UFAL); Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL/UFAL). Estágio Pós-Doutoral em Linguística (IEL/UNICAMP).



recuperar a tematização se volta a sua relação com as condições de produção do discurso (CPD), consideradas como “determinações que caracterizam um processo discursivo, inclusive as características múltiplas de uma situação concreta que conduz à produção do sentido linguístico” (PÊCHEUX; FUCHS, [1975] 1997, p.183), o que permite entender que o sentido vai além de sua materialidade linguístico-sintática. O conceito de CPD traz um componente *amplo* (determinações que caracterizam um processo discursivo), como também considera um caráter *restrito* (características múltiplas de uma situação concreta que conduz à produção do sentido linguístico). Na tematização recuperada para essa análise, foram considerados ano de realização do Congresso, local (cidade e estado), tema e subtemas, sendo acrescentadas informações adicionais/esclarecimentos. É pertinente lembrar a temática abordada no 1º Congresso Brasileiro de Enfermagem (à época Congresso Nacional de Enfermagem), realizado em São Paulo, voltando-se para “Enfermagem de saúde pública; preparo de enfermeiras chefes; enfermagem psiquiátrica”, ao estabelecer um perfil de enfermeiras (chefes), no entremeio do lugar de atuação (saúde pública) e de uma especialidade (enfermagem psiquiátrica). A base de distinção das demais “enfermeiras” tem assento na divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual e pressupõe a divisão técnica do trabalho no campo da enfermagem, situando a enfermeira em uma posição de suposta superioridade (SILVA; BEZERRA, 2017).

A saúde pública é retomada nos dois Congressos seguintes (1948, 1949) e vai ganhando fôlego uma preocupação com a formação e com as bases legais da atuação da enfermeira e da enfermagem (1948 a 1952 e de 1954 a 1956).² “A enfermagem e a assistência à maternidade e à infância” (1957), “Educação em Serviço” (1958) e “Como poderão os hospitais e as unidades de sanitárias do Brasil dar melhor assistência de enfermagem ao público?” (1959) foram temáticas que se voltaram à atuação da enfermeira no campo assistencial e de formação, enquanto em paralelo foram sendo ampliadas as discussões em torno dos aspectos legais das categorias profissionais. Como desdobramento desse processo e na conjuntura da aprovação da Lei nº 3.780/60, que conferiu à enfermeira equiparação com os demais profissionais liberais, o tema do 13º CBEEn (1960) foi “Sindicalismo”. Embora tensionado desde momentos anteriores, a exemplo da Lei nº 2.604/55, que regulamentou o exercício profissional, talvez em 1960 tenha-se, pela primeira vez, com maior ênfase, a organização política no campo de enfermagem, o que guarda relação com as influências dos movimentos sociais. Todavia, é importante considerar que em 1955 o tema do CBEEn foi “o Papel da Enfermagem no programa de assistência médico hospitalar”, demarcando que a discussão voltada à saúde pública e ao cenário hospitalar não conseguia romper com a centralidade biomédica, nem deu margem até então para uma politização do debate, que fosse além dos aspectos mais imediatos. Em 1962, o tema do Congresso trouxe a intenção de associar “Enfermagem hospitalar; enfermagem de

² Cabe ressaltar que em 1953 não foi realizado o Congresso porque a ABEn sediou o X Congresso Quadrienal do Conselho Internacional de Enfermeiras em Petrópolis/RJ. Em 1961, mais uma vez, não foi realizado o CBEEn, em função de ter sido realizado, no Rio de Janeiro, o Congresso do Comitê Internacional Católico de Enfermeiros e Assistentes Médicos Sociais (CICIAMS) (MANCIA et al., 2009).



saúde pública”, como projeto de unificação da enfermagem com a saúde pública hospitalar. Os anos seguintes (1963 e 1964)³ foram marcados por “temas livres”.

Já nos primeiros anos do período de Ditadura civil-militar, os temas dos Congressos transitaram entre a necessidade de aproximação com a realidade social do país e a formação para o serviço, em face do novo cenário. Como efeito dessa realidade, aponto que dos anos de 1970 a 1980 o CBEEn teve “temas livres”, podendo ser essa uma estratégia para escapar ao cerco da censura e manter as temáticas de interesse em subtemas, menos provocativos; ou para se afastar de maiores envolvimento com a resistência ao Regime, apontando para uma suposta neutralidade da ABEEn. A exemplo disso, observo que os subtemas dos CBEEn de 1970 a 1976 estiveram voltados às questões internas à enfermagem, com ênfase na pesquisa e na pós-graduação. Ao longo dessa década, os contrastes não são menos importantes. Basta considerar, por um lado, o fortalecimento das categorias da enfermagem com a Lei nº 5.905/73, que criou o Conselho Federal de Enfermagem e os Conselhos Regionais de Enfermagem; e, por outro, o subtema do CBEEn/1976: “a formação filosófica e religiosa da enfermeira”. A criação de autarquias e as influências religiosas na formação são, portanto, expressões do efeito da contradição funcionando na simultaneidade/complementaridade, materializada no discurso “oficial” da enfermagem brasileira, em suas filiações com o interdiscurso, considerando que este “põe em conexão entre si os elementos discursivos constituídos pelo *interdiscurso enquanto pré-construído*, que fornece, por assim dizer, a matéria prima na qual o sujeito se constitui como ‘sujeito falante’ com a formação discursiva que o assujeita” (PÊCHEUX, 2009 [1975], p.147, grifo da obra).

Por sua vez, o 33º CBEEn, realizado em Manaus/AM, trouxe o tema “Saúde para todos”, alinhando-se às recentes proposições da Conferência Alma-ATA (1978), com suas implicações para a Atenção Primária de Saúde e para as políticas públicas em saúde” (MANCIA et al., 2009). Ainda segundo os referidos autores, nesse Congresso houve influência do Movimento dos Servidores Públicos e do Movimento Sindical, de estudantes e enfermeiras de diversos estados brasileiros. Todavia, considero os Congressos de 1982 e de 1983 importantes para o amadurecimento do apoio necessário à formação de um pensamento e organização de oposição à tendência supostamente neutra da ABEEn com relação `realidade social. As respectivas temáticas contribuíram para o fortalecimento do debate, em torno de questões centrais ao Movimento em formação: “Saúde e Educação - Direito de todos”; e “O que a enfermagem pode fazer por você e pelo Brasil?”. A retomada dos temas e subtemas aqui serviram para apresentar os principais elementos de saber que vão se configurando no campo de enfermagem, ao tempo em que refletem e refratam as contradições de cada momento histórico, o que possibilita apontar as condições de produção do discurso que vão se materializando ao longo desse período.

³ Cabe apontar que, em 1964, o Ministério do Trabalho emitiu uma Portaria classificando a *profissão* de enfermeira na categoria de profissão liberal, feito que gerou divulgação na Revista Brasileira de Enfermagem, por ser considerado um motivo de orgulho para a referida categoria profissional.



MOVIMENTO PARTICIPAÇÃO: NO ACONTECIMENTO, A RESISTÊNCIA

Por influência do Movimento de Mulheres, da atuação na Central Única dos Trabalhadores (CUT) e no Movimento da Reforma Sanitária Brasileira, um grupo de estudantes e enfermeiras se articulou em diferentes estados e lançou em 1984, pela primeira vez, uma chapa de oposição à direção da ABEn, sendo chamada Participação, designando assim o que é considerado o maior Movimento político da enfermagem no Brasil. Sua base teórico-filosófica, em diferentes matizes, tinha seu fundamento no materialismo histórico (notadamente as leituras feitas por Althusser e Gramsci), cabendo considerar as dificuldades decorrentes do período ditatorial no fim dos anos 1970. A consideração do referido Movimento enquanto Acontecimento enunciativo tem em conta que “a enunciação é o acontecimento em que a língua funciona e assim constitui sentido. E ao constituir sentido constitui aquele que fala enquanto locutor, e a seu interlocutor como destinatário” (GUIMARÃES, 2006, p. 124). Nessa perspectiva, a produção do sentido é constituída como fato de linguagem sócio-histórico, produzido em determinadas condições sociais, o que guarda relação com as condições de produção do discurso. Com base nesses pressupostos, as sequências a seguir foram formuladas a partir de dois depoimentos de lideranças importantes da enfermagem brasileira, por ocasião do processo eleitoral para a presidência da ABEn em 1984, momento em que a Chapa Participação concorreu pela primeira vez.

SD 1 - Depois de longas discussões, o meu nome foi indicado não só pela combatividade demonstrada, mas, também, pelo fato de ter estado fora do País por algum tempo, não estando, assim, envolvida com os acontecimentos do período anterior e, sobretudo, por ser negra, como uma forma de reafirmar a efetiva oposição do movimento, uma vez que jamais se pensou em ter uma presidente negra. (Maria José dos Santos Rossi, presidente eleita do Movimento Participação, 1984).

SD 2 - Por que não prestigiarmos quem já mereceu aclamação nacional da própria classe, numa justa e merecida homenagem, prestada pela própria Assembleia de Delegados da ABEn, por decisão unânime votada para outorgar o título de Membro Honorário a Dra. Ivete Ribeiro de Oliveira, em 1975? (Taka Oguisso, presidente da ABEn/Seção São Paulo, apoiadora da Chapa Compromisso, 1984).

Nos limites desse trabalho, chamo atenção para as duas posições em conflito dentro da formação discursiva da enfermagem, apontando que alguns elementos argumentativos apresentados na SD 1 (longas discussões, combatividade, ter estado fora do País, não envolvimento com os acontecimentos do período anterior) são postos em menor relevância diante do fato da candidata ser negra, o que em sua narrativa constituía “uma forma de reafirmar a efetiva oposição do movimento, uma vez que jamais se pensou em ter uma presidente negra”. Desse modo, evidencio que há também um atravessamento da questão étnico-racial, no campo de tensão instalado pelo/no Movimento Participação. Por sua vez, o elemento argumentativo apresentado na SD 2 (quem já mereceu aclamação nacional da própria classe) é reforçado pela adjetivação da cena enunciativa (numa justa e merecida homenagem), como também pela autoridade que o constituiu (a própria Assembleia de Delegados da ABEn, por decisão unânime). Sob o argumento da outorga do título de Membro Honorário, tomada como um gesto de “aclamação nacional da própria classe”, são



materializados dizeres que reforçam a meritocracia e a posição de prestígio, ancoradas em uma suposta homogeneidade (aclamação nacional, decisão unânime). As estratégias utilizadas pela Chapa Compromisso culminam no que Maria José Rossi acertadamente chamou de “acordo de damas”. Mesmo tendo sido eleita, a vencedora do pleito não assumiu por que foram anulados votos de diversas seções estaduais, adiando o projeto do Movimento para a gestão 1986-1989, quando a Maria José Rossi foi novamente eleita e assumiu a presidência da ABEn.

Adiando, por enquanto, uma análise sobre o sentido de Participação e Compromisso no discurso da enfermagem brasileira, recupero a tematização de todas as edições do CBEn e identifico uma repetição de determinados elementos de saber (cuidado, assistência, ajuda, sensibilidade) que foram materializados no discurso do porta-voz (ABEn), na tentativa de produzir efeitos de identificação com a formação ideológica dominante no campo de enfermagem, alinhada à submissão, à abnegação e à vocação (SILVA, 2016). No entanto, com o Movimento Participação, considerando as condições históricas e políticas da época, observo que outros elementos discursivos (trabalho, democracia, liberdade, autonomia, poder) foram produzindo fissuras. Foi nesse percurso que identifiquei, em um dos subtemas do 38º CBEn/1986, um enunciado que apontava para a relação da divisão sexual do trabalho na enfermagem: “A questão da mulher e a profissão de enfermagem”. Tendo em conta a devida distinção entre profissão e trabalho, destaco como, em decorrência do Movimento Participação, as temáticas voltadas ao ideário do cuidado/assistência foram sendo secundarizadas pela temática trabalho, a exemplo de “O Trabalho na Enfermagem” (39º CBEn, Salvador/BA, 1987) e “A força de trabalho na Enfermagem” (40º CBEn, Belém/PA, 1988)⁴

Ainda que o aprofundamento teórico da relação enfermagem-trabalho não tenha sido tão profícuo a partir dos temas acima apresentados, é oportuno considerar que há uma influência do materialismo histórico nas proposições, tendo em conta não apenas a repetição da temática, como também o requisito do conceito de força de trabalho, enquanto desdobramento do 39º CBEn, para entender o trabalho na enfermagem. Tal abordagem trouxe contribuições significativas, sendo a principal delas o questionamento acerca da centralidade do cuidado no campo de enfermagem. Nesses termos, cuidado e trabalho remetem a filiações discursivas ideologicamente distintas, estando o primeiro conceito, historicamente vinculado à influência religiosa (mesmo quando sistematizado em bases científicas as influências permanecem reificadas), e o segundo remete, de algum modo, à condição do trabalho na sociedade capitalista, abrindo espaço para pensar a relação da enfermagem com a luta de classes, ainda que o acontecimento não tenha sido suficiente para irromper do discurso “oficial”, para constituir uma perspectiva revolucionária de enfermagem no país.

CONSIDERAÇÕES EM MOVIMENTO

A análise demonstrou que, embora tenha sido identificada uma fissura em relação ao discurso reproduzido pelo porta-voz enunciativo do discurso da enfermagem brasileira (a ABEn), não foi possível irromper dessa formação discursiva, o que possibilita considerar o Movimento

⁴ Cabe lembrar que o tema do Pré-Congresso em 1988 foi “Enfermagem e Constituinte”.



Participação um acontecimento enunciativo, nos termos apresentados por Indursky (2008). No Movimento Participação, a tensão entre a perspectiva dominante materializada em dizeres como cuidado/assistência e a posição assumida pelos sujeitos no Movimento, alinhada à perspectiva do trabalho, contribuiu para a formação teórico-política das mulheres enfermeiras, sem, entretanto, romper com as bases de sua subordinação à perspectiva dominante, uma vez que já nos anos 1990 e, sobretudo, a partir dos anos 2000, o viés tecnicista assumiu maior predomínio e as lutas políticas ficaram restritas a questões trabalhistas mais pontuais.

REFERÊNCIAS

- GREGOLIN, M^a do Rosário Valencise. A Análise do Discurso : conceitos e aplicações. *Alfa*, São Paulo, 39 : 13-21, 1995.
- GUIMARÃES, Eduardo. Semântica e Pragmática. In: GUIMARÃES, E.; ZOPPI-FONTANA, M. (Org.). *Introdução às ciências da linguagem: a palavra e a frase*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010 [2006]. p. 113-146.
- INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito na Análise do Discurso. In: MITTMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília Ana (orgs.). *Práticas discursivas e identitárias: sujeito e língua*. Porto Alegre: Nova Prova, 2008. p. 9-33.
- MANCIA, Joel Rolim ; PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza; RAMOS, Flávia Regina Souza et al. Congresso Brasileiro de Enfermagem: sessenta anos de história. *Rev Bras Enferm*, Brasília, 2009, maio-jun; (3): 471-9.
- PÊCHEUX, Michel. *O Discurso : Estrutura ou Acontecimento*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2008. Tradução de: *Discourse: Structure or Event ?*, 1988.
- _____. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* [1975]. Trad. Eni P. Orlandi et al. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.
- PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.
- SILVA, Sóstenes Ericson Vicente da (org.). *Enfermagem e Discurso: imbricações sob a lógica do capital*. Maceió: Edufal, 2016.
- _____. ; BEZERRA, Reudson Douglas. *O sentido de trabalho intelectual no discurso da enfermagem*. Maceió: Edufal, 2017.